

Jornalismo sobre investigação: uma análise de cinco reportagens do portal G1¹

Nicolle Bueno Timm²

Leonel Azevedo de Aguiar³

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Resumo

O fenômeno do jornalismo sobre investigações, que tem sido cada vez mais percebido no dia a dia das redações jornalísticas frente às mudanças impostas com os avanços tecnológicos e as novas plataformas de comunicação – que resultaram, entre outras consequências, no enxugamento das redações, demissões em massa e falta de investimentos em empresas jornalísticas –, coloca em xeque as atuais práticas jornalísticas. O uso exacerbado desse tipo de jornalismo parece trazer consequências questionáveis para o jornalismo investigativo. Partindo desse cenário como contexto, onde os jornalistas produzem materiais com base apenas em algumas fontes e sem sequer algum deslocamento, foram analisadas reportagens veiculadas no principal site de notícias do país, o portal G1, que tinham tom investigativo, mas eram pautadas por investigações em andamento por órgãos oficiais. O objetivo principal deste trabalho é compreender de que forma as fontes, que podem ser consideradas construtoras de notícias, influenciam no avanço deste fenômeno e os riscos e consequências dele.

Palavra-chave: teorias do jornalismo; jornalismo sobre investigação; fontes de informação; portal G 1.

Introdução

As discussões acerca do trabalho investigativo raso no jornalismo já perduram quase três décadas. Pouco antes dos anos 2000, vinte e cinco jornalistas americanos se reuniram para analisar as mudanças que estavam ocorrendo na profissão e a perda de credibilidade do público – era o autodenominado Comitê dos Jornalistas Preocupados. As considerações sobre o que ocorria na profissão resultaram em um livro. Os autores, Bill Kovach e Tom Rosenstiel, consideravam que, diante da facilidade de se obter informações, se reescrever e depois direcioná-la ao público, o trabalho de investigação jornalística ficou mais raso, o que, por consequência, afetou o jornalismo investigativo – surgiriam, dessa maneira, novas formas dentro do gênero do jornalismo investigativo.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio, integrante do grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais (PUC-Rio/CNPq). E-mail: timn.nicolle@gmail.com

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio, líder do grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais (PUC-Rio/CNPq). E-mail: laaguiar@uol.com.br

Uma delas, a reportagem sobre investigações, que, para eles, já vinha se proliferando desde os anos 1970, diante da dependência dos jornalistas de fontes sigilosas.

Em 2007, o jornalista Solano Nascimento se aprofundou nesse tema em sua tese de Doutorado e definiu os jornalistas como novos escribas, uma vez que passaram apenas a reproduzir informações que recebem. Naquele período em que Nascimento (2007) identificou esse fenômeno em ascensão no Brasil, o *Whatsapp* ainda engatinhava – sua criação data de 2009. No entanto, a pesquisa parece cada vez mais atual. Os alertas que o autor fazia naquele período ainda se aplicam e, talvez, de forma mais contundente. Com o uso frequente do *Whatsapp*, a ferramenta deixou de ser apenas um meio de comunicação e se tornou um utensílio de trabalho, principalmente no jornalismo. Essas facilidades, no entanto, também trouxeram consequências para a produção de notícias. Com os jornalistas cada vez mais ágeis e sem sequer precisarem se deslocar para ter contato próximo com fontes, os veículos de comunicação também viram uma oportunidade de entregar mais conteúdos com menos gastos. Foi nesse vácuo que o fenômeno do jornalismo sobre investigações começou a despontar. Com tom investigativo, traços de reportagem investigativa e facilidade de produção, a modalidade foi conquistando espaços cada vez maiores. Atualmente, é comum encontrar jornalistas nas redações que redigem diariamente reportagens sobre investigações a partir de *releases* recebidos por fontes oficiais ou até assessorias de imprensa. Como Nascimento (2007) classificou, os novos escribas, muitas vezes, até acreditam, por uma mera confusão de conceitos, estarem fazendo jornalismo investigativo. Uma realidade não só incômoda, mas preocupante, que motivou este novo estudo. Com o intuito de exemplificar essa realidade atual, este trabalho se dedicou a analisar cinco reportagens veiculadas no principal site de notícias do país, que tinham tom investigativo, mas eram pautadas por investigações em andamento por órgãos oficiais.

Resultados e discussões

Para este estudo, foi escolhido o portal de notícias G1, do Grupo Globo, uma vez que é considerado o líder de audiência no segmento. Inaugurado em setembro de 2006, alcança atualmente mais de 55 milhões de usuários por mês, em média, segundo

informações divulgadas pela empresa, e realiza coberturas especializadas para cada estado do país⁴.

Considerando que o objetivo deste trabalho é compreender de que forma os construtores de notícias influenciam no avanço do fenômeno do jornalismo sobre investigações, realizamos a análise de conteúdo, por meio da metodologia proposta por Bardin (1977). Este trabalho parte de uma amostra selecionada para a pesquisa com base nos seguintes critérios pré-estabelecidos: as reportagens precisavam estar pautadas pelo viés editorial de jornalismo policial, terem sido veiculadas no portal de notícias G1 do Rio de Janeiro e, no texto, aparentar um processo de investigação. A partir destes parâmetros, foi feita uma pré-seleção de reportagens e, em seguida, escolhidas uma reportagem por ano, publicadas nos últimos cinco anos. A data inicial para seleção da amostra foi 2020. São duas justificativas para essa data: reportagens mais antigas ficam mais difíceis de serem localizadas pelo buscador do site e, além disso, 2020 é considerado o ano das mudanças e adequação das práticas jornalísticas frente às limitações impostas pela pandemia (FALCÃO; AGUIAR; MENDES, 2023). Por isso, foram selecionadas reportagens dos anos de 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024. Esta foi a primeira fase do desenvolvimento deste estudo, de acordo com o método de Bardin (1977) de análise de conteúdo. A segunda fase da análise de conteúdo, a partir do proposto por Bardin (1977), é a de exploração do material, que consiste em separar todo o material de acordo com classificações ou códigos que permitam a compreensão do conteúdo de forma a atingir a finalidade do trabalho.

Primeiro, vamos às reportagens selecionadas para esta análise:

REPORTAGEM 1 - Traficantes usam pandemia para criar 'Complexo de Israel' unindo cinco favelas na Zona Norte do Rio (24/07/2020)⁵

REPORTAGEM 2 - Meninos de Belford Roxo: polícia investiga 2 mortes e 3 desaparecimentos que podem atrapalhar a elucidação do caso (13/10/2021)⁶

REPORTAGEM 3 - Milícia na Muzema tenta ter 'monopólio' da entrega de correspondências (04/05/2022)⁷

⁴ Ver <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml> e <https://memoriaglobo.globo.com/produtos-digitais/g1/>

⁵ Ver <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/24/traficantes-usam-pandemia-para-criar-novo-complexo-de-favelas-no-rio-deixam-rastro-de-desaparecidos-e-tentam-impor-religiao.ghtml>

⁶ Ver <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/10/13/policia-investiga-2-mortes-e-3-desaparecimentos-investigacoes-criancas-belford-roxo.ghtml>

⁷ Ver <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/04/milicia-na-muzema-tenta-ter-monopolio-da-entrega-de-correspondencias.ghtml>

REPORTAGEM 4 - Quase 400 bandidos de outros estados foram presos em comunidades do RJ em 2022 (04/07/2023)⁸

REPORTAGEM 5 - Máfia do cigarro controla venda em 45 das 92 cidades do RJ e cresce à base da bala: polícia apura 20 crimes violentos ligados a disputas (01/04/2024)⁹

Para considerar as cinco reportagens citadas como jornalismo sobre investigações, utilizamos como critério serem trabalhos jornalísticos sobre casos policiais que já estavam sendo investigados por autoridades, conforme pré-requisito estabelecido por Nascimento (2010). “Só são consideradas reportagens sobre investigações aquelas que mostram isso de forma clara no texto. Uma reportagem que possa ter se originado de uma investigação oficial, mas que não explicita essa origem, não será considerada” (NASCIMENTO, 2010, p. 60). O autor explica que “para a construção dessa categoria foi levado em conta o fator que estudiosos de análise de conteúdo chamam de presença/ausência” (NASCIMENTO, 2010, p. 60). A metodologia adotada por Nascimento (2010) e utilizada também neste trabalho implica em alguns riscos, como alerta o autor: “[...] distorções que podem ‘enganar’ a categorização e fazer com que determinada reportagem sobre investigações seja enquadrada como reportagem investigativa e vice-versa” (NASCIMENTO, 2010, p. 60). Exemplo disso seria algum caso em que uma “autoridade [...] tenha passado a jornalistas informações de uma investigação em andamento, mas tenha solicitado a omissão de qualquer indício sobre a origem dos dados, por medo de represália ou outra razão” (NASCIMENTO, 2010, p. 60). Nesse contexto, Nascimento (2010, p. 61) explica que evitar essas possíveis distorções exigiria um levantamento denso e extenso sobre o processo de produção de cada uma das reportagens, o que resultaria em um trabalho hercúleo e que poderia ser infrutífero, já que muitas vezes esse processo é mantido sob sigilo entre jornalistas e fontes. Neste artigo, as reportagens selecionadas tornam explícito, no próprio texto, que há investigações policiais em andamento.

Para melhor compreensão sobre o critério para classificação como reportagem sobre investigações, os quadros abaixo são demonstrativos. O primeiro quadro aponta que

⁸ Ver <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/07/04/favelas-do-rj-se-tornam-esconderijos-de-trafficantes-de-outros-estados-pm-prende-379-bandidos-de-fora-em-2022.ghtml>

⁹ Ver <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/04/01/mafia-do-cigarro-controla-45-das-92-cidades-do-rj-e-se-expande-a-base-da-bala-policia-apura-ao-menos-20-crimes-violentos-ligados-a-disputas.ghtml>

todas as reportagens citam inquéritos policiais por parte das autoridades em andamento, sendo possível enumerar quantas vezes essas investigações são citadas.

Quadro 1 – Critério para classificação como jornalismo sobre investigações

Reportagem	Cita alguma investigação em andamento?	Quantas vezes é citada?
REPORTAGEM 1	Sim	5
REPORTAGEM 2	Sim	9
REPORTAGEM 3	Sim	7
REPORTAGEM 4	Sim	5
REPORTAGEM 5	Sim	9

Fonte: elaborado pela autora

O segundo quadro demonstra quais são os termos que tornam claro que o processo de investigação policial está sendo realizado e serviu como base para a reportagem.

Quadro 2 - Termos utilizados pelas reportagens que explicitam investigações em andamento que pautaram a reportagem

Reportagem	Termos utilizados para indicar que há investigações em andamento
REPORTAGEM 1	“Os policiais apuram ainda...”; “As ações do criminoso chamam a atenção dos investigadores...”; “afirmou o delegado...”; “Segundo a polícia...”; “As investigações concluíram...”; “A polícia diz...”; “Segundo os investigadores...”; “A Polícia Civil indiciou...”; “O caso é investigado...”; “Explicou o tenente-coronel...”; “disse o delegado...”
REPORTAGEM 2	“polícia investiga...”; “investigações indicam...”; “A Polícia Civil do RJ investiga...”; “Durante dez meses de investigação...”; “para investigadores da polícia carioca...”; “são investigados...”; “a Polícia Civil não tem mais dúvidas...”; “Na esteira dessas investigações...”; “Para um policial civil...”; “O primeiro desaparecimento investigado...”

	“As investigações indicam...” “Para os investigadores...” “A polícia acredita...” “O caso gerou uma investigação...” “uma gravação telefônica em poder da DHBF...” “É esse quebra-cabeça que a Polícia Civil tenta montar agora...” “A polícia acredita...” “A DHBF apura...” “Também são investigados...” “A polícia investiga...” “de acordo com dados de inteligência da polícia...”
REPORTAGEM 3	“Segundo a polícia...” “A polícia investiga...” “Segundo os investigadores...” “A apuração da polícia aponta...” “A polícia também identificou...” “De acordo com a Draco...” “Também segundo a Draco...”
REPORTAGEM 4	“segundo a Polícia Civil...” “investigadores suspeitam que...” “Segundo a Polícia Civil...” “diz o delegado...” “segundo a polícia...” “Segundo a própria Polícia Civil...”
REPORTAGEM 5	“polícia apura...” “polícia apura se...” “segundo as investigações...” “um áudio que consta na investigação...” “o inquérito aponta...” “investigados na capital...” “revelados por duas investigações recentes...” “as investigações apuraram...” “As conversas estavam no celular apreendido...” “segundo a Delegacia de Homicídios...” “Na conversa acima, apreendida pela polícia...”

Fonte: elaborado pela autora

Depois de considerar que as cinco reportagens selecionadas de amostra podem se enquadrar como jornalismo sobre investigações, vamos compreender melhor o processo de produção destas matérias, a partir da análise dos textos. Para isso, optou-se por elencar as fontes de informação utilizadas na construção da reportagem, baseado no que é citado no texto, e de que forma se enquadram na classificação de fontes proposta por Schmitz (2011). As únicas categorias não utilizadas, neste caso, foram a de ação – que separa as fontes de informação em proativa, ativa, passiva e reativa – e a de qualificação, que as divide em confiável, fidedigna e duvidosa, uma vez que para fazer essa análise seria necessário tomar conhecimento de todo o processo de produção dessas reportagens.

Quadro 3 - Fontes de informação citadas na reportagem

Reportagem	Categoria	Grupo	Crédito
REPORTAGEM 1	PRIMÁRIA (polícia, delegado e moradores) SECUNDÁRIA (porta-voz da PM, redes sociais, arcebispo do Rio e presidente da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa)	OFICIAL (polícias civil e militar) INSTITUCIONAL (arcebispo do Rio e presidente da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa) TESTEMUNHAL (moradores)	IDENTIFICADA (delegado, porta-voz da PM, arcebispo do Rio e presidente da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa) SIGILOSA (moradores)
REPORTAGEM 2	PRIMÁRIA (polícia, secretário de polícia civil, investigador)	OFICIAL (polícia civil, secretário de polícia civil e investigador)	IDENTIFICADA (secretário de polícia civil) SIGILOSA (investigador)
REPORTAGEM 3	PRIMÁRIA (polícia civil; pessoa não identificada por questões de segurança)	OFICIAL (polícia civil) **não consta no texto a relação da fonte não identificada para poder classificá-la	SIGILOSA (pessoa não identificada)
REPORTAGEM 4	PRIMÁRIA (polícia, delegado, investigadores, diretora-geral adjunta da polícia civil do Pará) SECUNDÁRIA (professor do departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense)	OFICIAL (polícia civil, delegado, investigadores, diretora-geral adjunta da polícia civil do Pará) ESPECIALIZADA (professor do departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense)	IDENTIFICADA (delegado, diretora-geral adjunta da polícia civil do Pará, professor do departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense) SIGILOSA (investigadores)
REPORTAGEM 5	PRIMÁRIA (polícia civil, polícia federal e justiça)	OFICIAL (polícia civil, polícia federal e justiça)	SIGILOSA (polícia civil, polícia federal e justiça)

Fonte: elaborado pela autora

Após a separação e análise das cinco reportagens selecionadas, é possível perceber que, em todas elas, há a mesma fonte mencionada por mais de uma vez: trata-se da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Todas as matérias foram feitas com base em investigações já pré-

existentes na corporação, que é utilizada e citada muitas vezes ao longo dos textos para trazer credibilidade e mostrar que a informação está partindo de uma fonte oficial. Em alguns casos, é possível notar que os investigadores são mencionados; no entanto, não aparecem nomes, o que é justificável, uma vez que eles não poderiam divulgar informações que deveriam ser sigilosas, nem mesmo dar entrevistas em nome da corporação sem qualquer tipo de autorização. Nesses casos, constam como “fonte” que deu informações “em *off*”, ou seja, de forma sigilosa.

A análise do conteúdo também permitiu perceber que todas as reportagens selecionadas para este estudo são mais extensas que notícias cotidianas e possuem uma aparência de jornalismo investigativo, como realizar o cruzamento de uma série de informações e contextualizá-las. Deve-se destacar que, em sua maior parte, as informações são fornecidas por fontes oficiais, que permitem o acesso exclusivo a materiais de investigação.

Entretanto, fica evidente a falta de investigação própria por parte das equipes jornalísticas. Apenas uma das reportagens demonstra que esta tarefa típica de jornalismo investigativo pode ter sido feita, mas de forma implícita; ou seja, não se sabe se o jornalista arrecadou as informações por meio de telefonemas ou mensagens, por exemplo, em vez de ir até o local para conversar com populares, um comportamento típico do chamado *jornalista sentado*. É o caso da reportagem 1, que cita relatos de mais moradores do que as outras matérias. Ainda assim, trata-se de uma reportagem sobre investigação, uma vez que o caso em pauta não foi descoberto pelos jornalistas. Essa é a diferença entre o jornalista que descobre algo e aquele que descobriu que alguém descobriu algo.

Por fim, pode-se perceber que os aspectos que permeiam essas reportagens dão a sensação de que tudo foi resultado de uma investigação jornalística extensa, que ouviu diversas fontes (em alguns casos) para agregar contexto, explorou dados e cruzou informações de diferentes inquéritos. Até mesmo o uso de termos de forma mais sutil e, em algumas das reportagens, citando a fonte apenas no meio do texto, trazendo as informações como se fossem de propriedade do jornalista, também causam essa sensação. É, possivelmente, inclusive, esse um dos objetivos implícitos do jornalismo sobre investigações: parece jornalismo investigativo, mas apenas se limita a reunir o que já estava sendo investigado e divulgar. Este modelo de atuação profissional não necessariamente seria algo negativo ou altamente reprovável; mas, o que está em questão é o quanto isso pode estar tomando o espaço do jornalismo investigativo.

Considerações finais

Com a preocupação sobre os rumos que o jornalismo investigativo e o jornalismo sobre investigações têm tomado no Brasil, este estudo dedicou-se a analisar uma amostra de reportagens para compreender de que forma as fontes influenciam o avanço desse fenômeno que tornou os jornalistas, na percepção de Nascimento (2010), os novos escribas. As cinco reportagens selecionadas para análise de conteúdo foram amostra suficiente para exemplificar o jornalismo sobre investigações que tem sido feito nos jornais nos últimos anos. Por meio das matérias, e como ficou notório nos quadros, foi possível identificar várias semelhanças entre elas, como a extensão do texto (mais longas do que reportagens comuns do dia a dia), manchetes que chamam a atenção para a questão investigativa, cruzamento de informações de investigações e o uso de fontes semelhantes ou iguais. Atentando-se apenas à questão textual, percebe-se que as menções às investigações acontecem, em sua maior parte, ao longo do texto, trazendo um aspecto de apuração própria. No entanto, ao dissecar o material, constata-se que as investigações em andamento - que não são jornalísticas - são mencionadas o tempo todo, servindo de base para as reportagens, que possuem aspectos investigativos, mas não são investigativas. A análise permite a reflexão de que as cinco reportagens podem ter sido elaboradas de dentro da redação, reforçando a ideia de jornalista sentado, que não suja mais os sapatos, muito adotada recentemente pelas empresas de comunicação.

A grande questão que permeia isso está relacionada às consequências desse padrão. O jornalismo é uma ferramenta potente de transformação e, por que não, de poder. Uma publicação pode desencadear medidas ou afetar a vida de alguém, seja de forma positiva ou negativa. Portanto, também se trata de uma ferramenta com um altíssimo nível exigido de responsabilidade. Kovach e Rosenstiel (2003, p.182) alertam para o fato de o jornalista poder ser usado pelas próprias fontes e defendem: “[...] não significa que fazer reportagens sobre investigações em andamento seja inerentemente errado. Mas não há dúvida de que o processo está permeado de riscos desconhecidos”. No entanto, muitos desses riscos, agora, já são conhecidos, como a manipulação de reportagens e a falta de investimento em matérias de fôlego, uma vez que entrega-se mais material com menos custo etc. Nesse sentido, cabem aqui algumas reflexões. O jornalismo investigativo vai continuar altamente prestigiado e fundamental para contribuir com uma sociedade transparente e democrática, mas estaria o jornalismo sobre investigações não só

preenchendo o espaço vazio, como também invadindo o espaço desse segmento? É fácil encontrar atualmente, principalmente nas redes sociais, jornalistas que se autodenominam investigativos, enquanto o que praticam é muito mais semelhante a um jornalismo declaratório, ou jornalismo sobre investigações. Estariam os próprios profissionais de imprensa confusos em relação aos termos? O que essa confusão de conceitos pode desencadear? Com as reflexões surgidas durante a pesquisa, espera-se que novos estudos acerca do tema possam ser incentivados, para que o jornalismo investigativo permaneça sendo estimulado e, preferencialmente, sem perder espaço.

Referências

AGUIAR, L. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu-Revista de Comunicação, Cultura e Política**, v.7, n.13, p. 73-84, jul./dez. 2006. Disponível em http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

FALCÃO, R.; AGUIAR, L.; MENDES, L.M.R. Reorganização do trabalho jornalístico e mudanças na cultura profissional frente à pandemia de Covid-19. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 14. 2023, Niterói. **Anais...** São Paulo: ALCAR, 2023. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1cJhM_WGH9Xoc3q70Tyu9dcdev8PbCHc1/view

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

NASCIMENTO, S. **Os novos escribas**: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago, 2010.

RODRIGUES, C.; AGUIAR, L. Jornalismo como forma de conhecimento e o imperativo da verdade: uma contribuição teórica. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 15, n. 3, p. 2459-2476, jun. 2023. Disponível em <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1217/1037>

SCHMITZ, A. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SEQUEIRA, C. M. **Jornalismo investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

TIMM, N. B. **Jornalismo sobre investigações**: uma análise do avanço do fenômeno impulsionado pelos construtores de notícias. 2025. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.